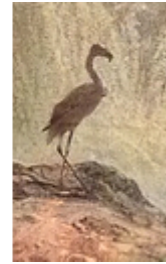


issn: 2176-5960

**Προμηθεύς**  
**journal of philosophy**

n. 40 September - December 22



**G. W. F. HEGEL**  
**VORLESUNGEN ÜBER DIE GESCHICHTE DER PHILOSOPHIE I**  
**Werke 18 - Die Kynische Schule**  
**LIÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DA FILOSOFIA**  
**A Escola Cínica**

**Brenner Brunetto Oliveira Silveira**<sup>1</sup>  
**Sabrina Paradizzo Senna**<sup>2</sup>

**RESUMO:** Segue abaixo a tradução do alemão da seção dedicada ao cinismo presente nas *Lições Sobre a História da Filosofia* de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831). Na seção em questão, o filósofo alemão aborda não somente a história da escola cínica, mas também seus princípios, suas influências e a importância que esse movimento teve para o pensamento filosófico posterior – sobretudo para o estoicismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** História da Filosofia; Hegel; Cinismo; Antístenes; Diógenes.

**ABSTRAC:** See below the translation from German of the section dedicated to cynicism present in *Lessons on the History of Philosophy* by Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831). In the section in question, the German philosopher approach not only the history of the Cynic school, but also its principles, its influences and the importance that this movement had for later philosophical thought – especially for Stoicism.

**KEYWORDS:** History of Philosophy; Hegel; Cynicism; Antisthenes; Diogenes.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestre e Bacharel em Filosofia pela mesma instituição. Membro do GT Epicteto, do Pórtico de Epicteto e da Lanterna de Diógenes. Autor do Livro "O Cuidado de Si na Filosofia Antiga: Uma análise foucaultiana sobre as práticas de si na Antiguidade".

<sup>2</sup> Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (UFG), bolsista CAPES. Mestra, bacharela e licenciada em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Membro do GT Hegel, da Sociedade Hegel Brasileira e do Grupo de Estudos sobre Hegel. Autora do Livro "Liberdade, Estado e Religião nos lineamentos da Filosofia do Direito de Hegel".

## INTRODUÇÃO

### *Sobre a Obra*

*Lições sobre a História da Filosofia* não é uma obra escrita pelo próprio Hegel, mas é uma compilação das anotações de seus alunos, com destaque a Karl Ludwig Michelet. Michelet foi aluno de Hegel e teve acesso a alguns manuscritos dos cursos sobre a História da Filosofia ministrados por Hegel. Além disso, ele também teve acesso a anotações de alguns alunos do próprio Hegel. Com tais anotações Michelet pôde realizar a edição final do texto.<sup>3</sup>

Na seção que agora traduzimos, conforme o próprio título aponta, Hegel analisou a escola cínica. Esta seção se mostra de grande valia se levarmos em conta os impactos que os apontamentos de Hegel tiveram nos estudos acadêmicos sobre o cinismo antigo. Aos olhos de Shea (2010), os apontamentos de Hegel soaram “o sinal da morte do cinismo como uma filosofia digna de séria atenção acadêmica, descartando a seita antiga do cânon da filosofia moderna” (p. IX, tradução nossa). Além disso, a autora também salienta que por conta do forte discurso que Hegel pronunciou sobre os cínicos, os filósofos-cães foram praticamente erradicados dos estudos filosóficos nos séculos XIX e XX. Segundo ela:

Os historiadores das ideias do século XIX, seguindo o exemplo de Hegel, tendiam a relegar os cínicos ao cesto do lixo da história ou, no mínimo, a varrê-los dos sagrados recintos da filosofia para o terreno acidentado da sociologia e da literatura. Ao eliminar o material biográfico e anedótico das páginas de sua história da filosofia, Hegel contribuiu para o fim das ricas tradições literárias e sociais do cinismo. Percebidos como tolos não sistemáticos, os cínicos eram considerados indignos da atenção de estudantes sérios da vida e do pensamento humano. Os filósofos e os historiadores do século XIX que procuraram resgatar o conteúdo filosófico do cinismo, acumulando um núcleo de moralidade no modo de vida cínico (o ascetismo, a independência e a liberdade de expressão do cínico) não costumam comparar desfavoravelmente a escola com os estoicos

---

<sup>3</sup> Conforme nos aponta o próprio Michelet em seu *Prólogo*, Hegel deu ao todo nove cursos sobre a História da Filosofia. O primeiro curso foi ministrado em Iena, durante o inverno de 1805 e 1806; o segundo e o terceiro foram ministrados em Heidelberg, entre os anos de 1816-1817 e 1817-1818; e os demais seis cursos foram todos ministrados na Universidade de Berlin entre os anos de 1819 e 1830. Dos manuscritos do próprio Hegel, Michelet nos aponta que teve acesso ao caderno de Iena e a um pequeno resumo do curso de Heidelberg. Além disso, ele também teve acesso ao caderno de dois alunos que assistiram as aulas de Hegel. Michelet também utilizou, para a finalização do livro, seu próprio caderno, contendo suas anotações das aulas que ele mesmo assistiu entre 1823-1824 na Universidade de Berlin.

teoricamente e eticamente mais sólidos. Reduzido a seus princípios filosóficos, o cinismo, na esteira de Hegel, foi cada vez mais tratado como uma curiosidade grega ou como uma forma fraca de estoicismo. (SHEA, 2010, p.133, tradução nossa)

Ou seja, conforme apontado pela autora, o cinismo permaneceu, por conta dos apontamentos de Hegel, sem grande visibilidade acadêmica por um longo período de tempo. Somente nas últimas décadas que o interesse pela escola reacendeu. É justamente por este motivo que acreditamos que a tradução desta seção – inédita em língua portuguesa<sup>4</sup> – seja de grande valia, pois temos agora em mãos um dos textos que, conforme vimos, foi de extrema importância para a negação – ou, pelo menos, a diminuição – dos estudos filosóficos sobre os antigos cães gregos.

### *Sobre a Tradução*

O texto que utilizamos para a presente tradução é a edição intitulada *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie* dividido nos volumes I, II e III, presentes na coletânea da *Werke* (nos números 18, 19 e 20) da editora Frankfurt am Main: Suhrkamp. Nossa tradução está no volume I, onde Hegel aborda questões como Filosofia Oriental e Filosofia Grega. No *Zweites Kapitel: Von den Sophisten bis zu den Sokratikern* (Capítulo Dois: Dos Sofistas aos Socráticos); Letra *C.Sokratiker* (Os Socráticos); subdividido em *3.Die kynische Schule; a.Antisthenes; b.Diogenes; c.Spätere Kyniker* (3. A Escola Cínica; a.Antístenes; b.Diógenes; c.Cínicos posteriores).

Usamos também, a versão mais antiga em alemão de Michelet e a título de comparação, a obra *Lecciones sobre la historia de la filosofia*, nos volumes I e II<sup>5</sup> com tradução de Wenceslao Roces, da editora Fondo de Cultura Económica do México.

---

<sup>4</sup> Nós temos, em língua portuguesa, duas edições conhecidas: 1) *Introdução à História da Filosofia* das Edições 70, com tradução de Antônio Pinto de Carvalho e; 2) *Introdução à História da Filosofia* da Coleção Pensadores, editora Abril Cultural, com tradução Antônio Pinto de Carvalho. Porém, ambas as traduções são parciais, e em nenhuma delas aparece a seção do cinismo que desejamos apresentar.

<sup>5</sup> A seção sobre o cinismo se encontra no volume I da referente obra.

## A ESCOLA CÍNICA

Não há nada de especial a se perceber sobre isso. Os cínicos tiveram pouco treinamento filosófico, e eles não chegaram a um sistema, a uma ciência; mais tarde, se tornou uma disciplina filosófica através dos estóicos. Com os cínicos, como com os cirenaicos, a direção era: determinar qual deveria ser o princípio para a consciência, tanto sua cognição quanto suas ações. Os cínicos também postularam o bem como um propósito geral: onde o bem pode ser encontrado para o ser humano individual? Se os cirenaicos, segundo seu princípio específico, fizeram da consciência de si como [um] indivíduo ou do sentimento a essência da consciência, os cínicos, por outro lado, o fizeram particular na medida em que tem imediatamente para mim a forma de generalidade, isto é, na medida em que sou uma consciência livre, indiferente a todos os detalhes. A princípio eles se opõem aos cirenaicos; pois enquanto para eles o sentimento aparece como um princípio que, naturalmente, por ser determinado pelo pensamento, se estende à generalidade e à liberdade completa, os outros começam com a total liberdade e a independência como determinação do homem. É a mesma indiferença da autoconsciência que Hegésias<sup>6</sup> expressou como essência; esses extremos, como consequência de sua proposição, anulam-se e fundem-se uns nos outros. Entre os cirenaicos há o movimento de retorno das coisas para a consciência: a essência não é nada para mim.

Os cínicos estão igualmente preocupados consigo mesmos; a autoconsciência individual também era um princípio. Os cínicos estabeleceram, pelo menos inicialmente, o

---

<sup>6</sup> Nota dos Tradutores: Hegésias de Cirene (fl. 290 a.C.) foi um filósofo cirenaico. Diógenes Laércio (II 94-95) nos diz que Hegésias e seus seguidores acreditavam que a *eudaimonia*, isto é, a felicidade (ou, a boa vida) era impossível de ser alcançada, pois nosso corpo e nossa alma são constantemente afetados por inúmeros sofrimentos. Além disso, nossa *eudaimonia* sofre constantes ataques da Fortuna (*Týkhe*). Sendo assim, Hegésias conclui que o objetivo da vida é evitar o máximo possível a dor e o sofrimento e buscar o máximo possível de prazer. Já Cícero, em suas *Tusculanae Disputationes* (I XXXIV 83-84), nos diz que Hegésias escreveu um livro intitulado *Ἀποκαρτερῶν* (*Apokarterōn* – *Morte por inanição*) no qual Hegésias argumentou que a morte por inanição era preferível à vida. Cícero também nos diz que seus argumentos eram tão convincentes que muitas pessoas resolveram acabar com a própria vida. Por conta disso, Hegésias recebeu o cognome de Πεισιθάνατος (*Peisithanatos* – *Aquele que persuade à morte*) e também foi proibido, pelo rei Ptolomeu II, de ensinar em Alexandria.

princípio para o destino do homem: liberdade e indiferença tanto do pensamento quanto da vida real a todos os detalhes externos, fins, necessidades e prazeres particulares, de modo que a educação proceda não apenas à independência em si mesma, mas à indiferença a ela, como os cirenaicos, mas à privação expressa, limitando as necessidades ao necessário, que a natureza exige diretamente. Os cínicos postulavam a suprema independência da natureza como o conteúdo do bem, ou seja, o menor número de necessidades; é uma fuga do prazer, uma fuga do prazer da sensação. O negativo, por outro lado, é o fator determinante aqui, este contraste entre cínicos e cirenaicos, também mais tarde surge entre estoicos e epicuristas. Já é evidente aqui como os cínicos fizeram do negativo um princípio – a mesma negação que também se encontra no desenvolvimento posterior da filosofia cirenaica.

A escola cínica não tem importância científica; constitui apenas um momento que deve necessariamente ocorrer na consciência do geral: a consciência em sua individualidade deve saber que está livre de toda dependência das coisas e dos prazeres. (Quem se apega à riqueza ou ao prazer como consciência real, tal coisa ou sua individualidade é de fato a essência). Mas os cínicos fixaram esse momento de tal maneira que colocaram a liberdade na renúncia real do chamado supérfluo; eles só reconheciam essa independência abstrata, imóvel, que não se envolve com prazer ou interesse pela e na vida em geral. Mas a verdadeira liberdade não consiste nesta fuga do gozo e [da] ocupação que vai para outras pessoas, outros propósitos na vida, mas que a consciência *neste emaranhado* em toda a realidade está acima dela e dela está livre.

#### a. Antístenes

*Antístenes* é o primeiro a aparecer como um cínico, um ateniense e amigo de Sócrates. Ele viveu e ensinou em Atenas “em um ginásio chamado Cinosargo; ele foi chamado de ἀπλοκῶν, o cão simples. Sua mãe era da Trácia; muitas vezes ele foi censurado por isso” — uma censura que é inapropriada para nós. “Ele respondeu: A mãe dos deuses era uma frígia, e os atenienses, que tanto se orgulham de serem nativos, não são mais nobres do que as conchas e os gafanhotos nativos. Foi educado por Górgias e Sócrates, ia todos os dias do Pireu à cidade para ouvir Sócrates.”<sup>7</sup> Ele

---

<sup>7</sup> D.L. VI. 13; 1-2.

escreveu várias coisas e, segundo todas as testemunhas, é considerado um homem altamente educado, nobre e rigoroso, que também começou a valorizar a pobreza externa de seu modo de vida. Os títulos de vários de seus escritos são mencionados.<sup>8</sup> Os princípios de Antístenes são simples; o conteúdo de seu ensino não ultrapassa o geral. Mas é supérfluo dar quaisquer detalhes de seus ensinamentos. Eles consistem em tão belos discursos (regras gerais [de vida]) que a virtude é auto-suficiente e não requer nada além da força de caráter de Sócrates. “Não ter necessidades é divino; o mínimo possível, aproxima-se do divino.” “O bem é belo, o mal é vergonhoso.” A virtude consiste em obras (*Werken*) e não precisa de muitos discursos (*Reden*) e argumentos (*Gründe*), nem ensinamentos (*Lehren*). O destino do homem é uma vida virtuosa. Os sábios se contentam consigo mesmos; porque tem tudo que os outros parecem ter. Sua própria virtude é suficiente para ele; ele está em casa em qualquer lugar do mundo. Se ele ficar sem fama, isso não deve ser considerado um mal, mas um benefício, etc<sup>9</sup>. (Ao contrário, os cirenaicos ensinavam que se encontra prazer em si mesmo apenas pensando). Aqui vemos novamente a tediosa [retórica] geral sobre o homem sábio, que os estóicos e os epicuristas desenvolveram e expandiram ainda mais – o ideal, onde se trata do sujeito, de seu destino, do ideal de sua satisfação, e onde sua satisfação é então definida na simplificação de suas necessidades.

Quando Antístenes diz que a virtude não precisa de argumentos e ensinamentos, ele esquece que ele mesmo adquiriu essa independência através da formação de seu espírito. Ele só via como resultado da formação (*Bildung*) renunciar a tudo o que as pessoas desejam. Ao mesmo tempo, vemos que a virtude adquiriu um significado diferente. Não é uma virtude inconsciente, como a virtude imediata de um cidadão de um povo livre que cumpre seus deveres com a pátria, a classe e a família, pois a pátria e a classe a exigem diretamente. A consciência, que saiu de si mesma, precisa agora tornar-se espírito, apreender toda a realidade e tornar-se consciente ou compreendê-la como sua. Tais estados, no entanto, que são chamados de inocência ou beleza da alma e semelhantes, são estados infantis, que agora são elogiados em seu lugar, dos quais o homem, porque é racional, deve sair e criar a si mesmo novamente a partir do imediatismo suspenso.

---

<sup>8</sup> D.L. VI. 15-18.

<sup>9</sup> D.L. VI. 11-12; 105.

Antístenes ainda tinha uma figura nobre e culta nessa filosofia cínica. Mas então a grosseria, a mesquinhez do comportamento, o despudor estão muito próximos dessa figura; e o cinismo mais tarde passou para isso também. Daí as muitas zombarias e piadas sobre os cínicos. (É a maneira individual e a força de caráter de cada um que os tornam interessantes). Já se diz de Antístenes que Sócrates lhe disse quando abriu um buraco em seu manto: Eu vejo sua vaidade (φιλοδοξίαν)<sup>10</sup> pelo buraco de seu manto. Sócrates disse a Antístenes para sacrificar às Graças.

### *b. Diógenes*

Diógenes de Sínope, ο κύων. Esses cínicos fixam seu destino na liberdade e na independência de tal forma que deve ser de natureza negativa, essencialmente de privação. Mas reduzir ao máximo essa escravidão pelas necessidades é apenas uma liberdade abstrata. A liberdade concreta consiste em ser indiferente às necessidades, mas não evitá-las, mas ser livre nesse gozo e perseverar na moralidade e na participação na vida jurídica das pessoas. A liberdade abstrata, por outro lado, abre mão da moralidade – o indivíduo se retrai em sua subjetividade; é, portanto, um momento de imoralidade.

Um guarda-roupa simples fazia parte do cinismo: “Um bastão grosso da oliveira-brava, um manto dobrado esfarrapado sem roupa de baixo, que também era uma cama à noite, um saco de esmolas para a comida necessária e um copo para tirar água”<sup>11</sup> – como o traje, pelo qual esses cínicos se sinalizavam. O que eles mais valorizam é a simplificação das necessidades; simplesmente seguir a natureza aqui parece um pouco plausível. As necessidades aparecem como dependência da natureza, e isso se opõe à liberdade do espírito; reduzir a dependência ao mínimo dessa forma parece ser uma ideia recomendada. Mas esse mínimo é ao mesmo tempo indeterminado; e se este valor é fixado em ser limitado à natureza, então um valor muito grande é dado ao outro e à privação do outro. É o que também ocorre no princípio do monaquismo. A renúncia, o negativo, contém ao mesmo tempo uma direção afirmativa em direção ao que é renunciado, e a renúncia e a importância do que é renunciado são

<sup>10</sup> D.L. VI. 8; II. 36.

<sup>11</sup> D.L. VI. 13, 22, 37; Tennemann, B d . II, S. 89.

superenfaturados. Sócrates declarou que as roupas dos cínicos eram vaidade. Não é uma questão de bom senso; a necessidade regula lá. No norte você tem que se vestir de maneira diferente do que no interior da África; que cuida de si mesmo, você não vai com roupas de algodão no inverno. O resto é sem entendimento; é deixado ao acaso, à opinião. Não cabe a mim inventar algo; graças a Deus outros já inventaram. O corte da minha saia será determinado, deve-se deixar para a opinião de cada um – o alfaiate cuidará disso; o principal é a indiferença mostrada a ele: se ele é indiferente, então deve ser tratado como indiferente. (Dependendo da moda, o hábito ainda é melhor do que a natureza.) Em tempos mais recentes, a antiga vestimenta alemã era importante em termos de patriotismo. Não é apropriado focalizar o entendimento em tais coisas; a única indiferença é o ponto de vista que deve prevalecer. Alguém sabe alguma coisa sobre isso, quer fazer barulho; é tolice ir contra a moda. Eu não tenho que determinar isso por mim mesmo, nem desenhar isso no círculo de meus interesses, mas fazê-lo como eu acho determinado.

O mesmo pensamento dos cínicos também se aplica às outras necessidades. Um modo de vida como o dos cínicos, que se supõe ser resultado da formação, é essencialmente determinado pela formação do espírito em geral. Os cínicos ainda não eram anacoretas; sua consciência ainda estava essencialmente relacionada a outras consciências. Antístenes e Diógenes viviam em Atenas e só podiam existir lá. A formação em geral também inclui a realização da formação para a maior variedade de necessidades e a forma como são satisfeitas. Nos últimos tempos, as necessidades aumentaram muito; esta é a divisão das necessidades gerais em muitas necessidades particulares e modos de satisfação. Isso pertence à mente (*Verstände*), é a atividade da mente; então aqui o luxo tem seu lugar na aplicação do intelecto. Moralmente, pode-se declamar contra isso, mas em um estado todas as facilidades, todas as tendências, todos os caminhos devem ter toda a sua amplitude, devem ser capazes de satisfazer; e cada indivíduo pode participar dela o quanto quiser, apenas ele deve, como um todo, conformar-se ao geral. O principal é não valorizá-la mais do que a coisa exige, ou em geral não valorizar, nem possuir, nem desejar [a coisa].

Diógenes de Sínope, o cínico mais conhecido, distinguiu-se ainda mais do que Antístenes por sua aparência externa e por suas idéias mordazes, muitas vezes espirituosas e [com] contra-discursos amargos e sarcásticos. Mas ele frequentemente recebia respostas igualmente apropriadas. Ele foi chamado de “cão”, como [ele] chamou

Aristipo, [de] “o cão real”; Diógenes era com meninos de rua como Aristipo era com reis. Diógenes é famoso apenas por seu modo de vida; nele, como nos [cínicos] posteriores, o cinismo assumiu o significado de um mero modo de vida em vez de uma filosofia. [Diógenes] limitava-se [a satisfazer] às necessidades naturais mais estreitas, queria zombar dos outros que não pensavam como ele e que zombavam de suas maneiras. Diógenes vivia em toda parte, nas ruas de Atenas, nos mercados, em barris, e “geralmente ficava e dormia na Stoa de Júpiter em Atenas, dizendo que os atenienses haviam construído para ele uma esplêndida morada.”<sup>12</sup>

Apenas anedotas podem ser contadas sobre ele. “Em uma viagem marítima para Egina, ele caiu nas mãos de piratas e foi vendido como escravo em Creta. Questionado sobre o que sabia fazer, respondeu: “Comandar os homens”, disse ele, e deu ordens ao leiloeiro para chamá-lo no caso de alguém querer comprar um senhor. Foi comprado por um certo Xeníades de Corinto, cujos filhos ele ensinou e educou.”<sup>13</sup> Muitas histórias são contadas [sobre] sua estadia em Atenas. Lá ele era o oposto da grosseria e do desdém à filosofia parasitária de Aristipo<sup>14</sup>. Aristipo não dava mais valor aos seus prazeres do que às suas privações; mas Diógenes por outro lado deu grande importância à sua pobreza. “Diógenes estava, uma vez, lavando seu repolho quando Aristipo passou; [e] gritou para ele: Se você soubesse lavar seu próprio repolho, não iria atrás de reis. Aristipo respondeu apropriadamente: Se você soubesse lidar com as pessoas, não lavaria repolho.” “Certa vez, na casa de Platão, ele andou com os pés sujos sobre os belos tapetes, dizendo: Eu piso na arrogância (τύφος) de Platão. Sim, mas com uma arrogância diferente, respondeu Platão com igual propriedade.” Ou: “Certa vez, quando Diógenes estava ali encharcado pela chuva e os espectadores o lamentavam, Platão disse: Se vocês quiserem ter pena dele, vão embora daqui”; a razão de sua vaidade, deve-se acrescentar, desaparece, para se mostrar em público, para conquistar sua admiração, o que o leva a fazer isso. “Ele levou uma surra uma vez” (o que deve ter sido com bastante frequência, a julgar pelas muitas anedotas que circulam sobre isso), “colocou um grande curativo sobre o ferimento e escreveu nele os nomes daqueles que o haviam agredido; assim os expôs à censura de todos.” (Sabe-se que Diógenes também

---

<sup>12</sup> D.L. VI. 22.

<sup>13</sup> D.L. VI. 29-30, 74.

<sup>14</sup> Nota dos Tradutores: Aristipo de Cirene foi, assim como Antístenes, discípulo de Sócrates. Diógenes Laércio (II. 65) nos diz que Aristipo mudou-se para Atenas atraído pela fama de Sócrates. Após a execução do mestre, Aristipo fundou a chamada Escola Cirenaica. Tal filosofia é conhecida por identificar a *eudaimonia* com o prazer.

jogou fora a xícara). “Ele também tentou comer carne crua; mas isso não lhe fez nenhum bem, ele não conseguia digerir.” “Quando os jovens o cercaram e disseram que tememos que você nos mordesse, ele respondeu: Não se preocupe; o cão não come acelga (τεύτλια). Durante uma refeição, um convidado atirou-lhe ossos como [para] cães; [Diógenes] foi até ele e mijou nele como um cão.” Uma boa resposta é a que ele deu a um tirano “que lhe perguntou de qual bronze as estátuas deveriam ser moldadas; ele respondeu: Do bronze com o qual foram feitas as estátuas de Harmódio e Aristógito.”<sup>15</sup> Morreu nas ruas em uma idade muito avançada, como havia vivido.

### *c. Cínicos posteriores*

Como lembrado, Antístenes e Diógenes eram pessoas muito educadas. Os cínicos seguintes não são menos ultrajantes por um extremo de des pudor, mas muitas vezes não passavam de mendigos insolentes que se satisfaziam com a insolência que mostravam aos outros; e não são dignos de consideração adicional na filosofia. Eles mereciam plenamente o nome de cães, que foi devidamente dado a esta escola filosófica; pois o cão é aquela besta insolente. *Crates*, um cínico de Tebas e *Hipárquia*, consumaram seu casamento em mercado público<sup>16</sup>.

Essa independência, de que os cínicos se gabavam, é dependência. Todas as outras esferas da vida ativa contêm momentos de liberdade afirmativa, de espiritualidade. Então isso significa negar a si mesmo a esfera na qual o elemento da liberdade pode ser desfrutado.

---

<sup>15</sup> D.L. VI. 68, 26, 41, 45-46, 50, 76-77.

<sup>16</sup> D.L. VI. 97.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÍCERO. *Discussões Tusculanas*. Trad. Bruno Fregni Bassetto. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2014.

DIÓGENES LAÉRTIOS. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Editora UNB, 2008.

HEGEL, G. W. F. *Vorlesungen Über die Geschichte der Philosophie I*. Werke 18. Frankfurt: Editora Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986.

\_\_\_\_\_. *Lecciones Sobre la Historia de la Filosofia I*. Trad. Wenceslao Roces. México: Editora Fondo de Cultura Económica do México, 2005.

\_\_\_\_\_. *Introdução à História da Filosofia*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. Lisboa: Edições 70, 2006.

\_\_\_\_\_. *Introdução à História da Filosofia*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

SHEA, L. *The Cynic Enlightenment: Diogenes in the Salon*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2010.